

# Uma cultura dos contatos: sexualidades e erotismo em duas obras de Gilberto Freyre

*A culture of contacts: sexualities and  
eroticism in two works of Gilberto Freyre*

**Thiago Barcelos Soliva**

*Mestre em sociologia pelo Programa de Pós-graduação em  
Sociologia e Antropologia da UFRJ.  
Doutorando em Ciências Humanas (antropologia cultural)  
do PPGSA-IFCS-UFRJ.  
thiago104@yahoo.com.br*

14

## Resumo

Com base nas obras *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados & Mocambos*, escritas por Gilberto Freyre, pretendemos pensar o campo da sexualidade no processo de constituição da sociedade brasileira. Ambos escritos na década de 1930, esses livros se mantêm como referências fundamentais para a compreensão da formação da sociedade brasileira em períodos distintos. Trata-se de um fabuloso esforço intelectual de compreensão de nosso “processo civilizador”. Igualmente importantes são as suas contribuições para a compreensão da vida sexual do brasileiro. Temas como erotismo, vida íntima, relações de gênero, infidelidade e prostituição aparecem frequentemente e de forma pioneira nessas obras, mostrando-nos peculiaridades do processo de construção de uma sexualidade à brasileira. Interessa-nos aqui esmiuçar esses achados pioneiros, na tentativa de problematizar a importância desse legado para as novas gerações de estudiosos das sexualidades.

Palavras-chave: Casa Grande & Senzala. Sobrados & Mocambos. Pensamento social brasileiro. Sexualidade. Gilberto Freyre.

## Abstract

From the works *Casa Grande & Senzala* and *Sobrados & Mocambos*, written by Gilberto Freyre, we want to think about the field of sexuality in the process of formation of Brazilian society. Both written in the 1930s, these books remain as fundamental references for understanding the formation of Brazilian society in different periods. This is a fabulous intellectual effort to understand our “civilizing process”. Equally important are their contributions to the understanding of the Brazilian sexual life. Themes such as eroticism, sexual life, gender relationships, infidelity and prostitution and often appear as pioneers in these works, showing us the peculiarities of the construction of sexuality to a Brazilian. What interests us here scrutinize these findings pioneers in trying to discuss the importance of this legacy for future generations of scholars of sexuality.

Key-words: Casa Grande & Senzala. Sobrados & Mocambos. Brazilian social thinking. Sexuality. Gilberto Freyre.

## Apresentação

Poucos autores brasileiros conseguiram tanto destaque nacional e internacional como Gilberto Freyre. Escritor de vasta e densa obra, Freyre foi um dos mais destacados intérpretes da cultura brasileira entre os estudiosos do seu tempo. De formação heterogênea e, sobretudo, cosmopolita, característica que mais nos interessa, Freyre esteve em contato com respeitados intelectuais quando ainda em formação em renomados centros de produção e circulação de conhecimento nos Estados Unidos.

Sua experiência acadêmica nesse país lhe rendeu uma formação solidamente erudita, não obstante sua vocação literária e ensaísta estar sempre presente no conjunto de seus escritos. Tanto na Universidade de Baylor (Texas) quanto em Colúmbia (Nova Iorque), principalmente nessa última, o jovem Freyre desfrutou de um momento histórico muito propício para as Ciências Sociais nos Estados Unidos no período pós-Primeira Guerra Mundial. Na ocasião, a academia norte-americana encontrava-se sensível à coexistência de diferentes tradições intelectuais, principalmente aquelas vindas da Europa, que se reuniram em solo norte-americano para a construção de um edifício intelectual marcado pela heterogeneidade. Para Velho (2008), Gilberto Freyre refletiu em sua obra todo esse combinado de tradições que contribuíram para a formação de um pensamento singular:

Seja sob o ponto de vista da interação social, seja sob o ponto de vista de cultura e personalidade, produzia-se um volume de trabalhos e ideias que constituíram-se em importantes subsídios para a obra de Gilberto Freyre, que soube digerir-los e elaborá-los no decorrer de sua carreira, contribuindo, decisivamente, por sua vez, para esse campo de debates. Como intelectual universalista, bebeu em várias fontes, na história e na antropologia britânicas, na história e na escola sociológica francesas e no pensamento social e filosófico alemão, além da ciência social norte-americana, produzindo, assim, um perfil singular (VELHO, 2008, p. 12).

Um dos temas principais nesse período, particularmente quando da sua permanência em Colúmbia, era a relação indivíduo e sociedade. A partir dessa discussão, Freyre passa a uma particular interpretação da sociedade brasileira, reconstruindo aspectos pouco explorados pelos estudos que, até então, encabeçavam as análises sobre o Brasil. Um desses temas diz respeito à sexualidade, que assume no autor pernambucano uma dimensão excepcional.

Viajante incansável, Freyre não se apropriou apenas do capital acadêmico atribuído à *intelligentsia* norte-americana do final do século XIX e início do século XX, mas também pôde entrar em contato com toda a diversidade cultural de uma outra sociedade complexa. A propósito dessa interação, pôde desenvolver uma sensibilidade analítica muito própria que lhe facultou desenvolver uma compreensão original do Brasil em termos de sua constituição histórico-cultural (VELHO, 2008).

O exemplo mais bem-acabado da genialidade desse autor refere-se à sua obra monumental, cujos trabalhos mais destacados são, indubitavelmente, *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados & Mocambos*. Ambos publicados na década de 1930, esses textos inauguram um novo momento do pensamento social brasileiro, ainda dominado pelas concepções racistas em evidência nesse período. Trata-se de monografias precursoras interessadas em interpretar nossa sociedade e nossa gente a partir de uma perspectiva multifacetada, cujas influências disciplinares (história, antropologia, geografia, sociologia etc.) encontram-se dissolvidas pelo gigantismo de uma análise extremamente rica em detalhes.

Simultaneamente, essas obras carregam a marca de uma nova postura acadêmica, a exemplo das influências de Boas, contrárias ao arianismo intelectual. Essa postura apresenta-se no esforço de valorização da miscigenação, bem como da defesa de um luso-tropicalismo (VELHO, 2008), sobretudo em *Casa Grande & Senzala*. Essa preocupação se expressa, principalmente, no interesse que desenvolveu pelas contribuições das diferentes etnias, em particular dos negros vindos da África<sup>1</sup> para a formação do povo brasileiro.

Inovador ainda é o material com o qual Freyre trabalha. Utilizando-se fartamente dos documentos do período da inquisição, tais com as confissões e denúncias ao Santo Ofício, bem como de narrativas de viajantes que aqui estiveram nos tempos da colonização, fontes pouco recorridas pela historiografia da época (BOCAYUVA, 2001), Freyre reconstrói episódios da vida privada de nossos antepassados mais remotos.

Em muitos aspectos, Freyre se aproxima das análises de Norbert Elias, ainda que os dois autores não tenham sido apresentados um ao outro. Essa relação pode ser percebida na forma como o autor pernambucano desenvolve seu argumento, baseando-se no processo pelo qual teria se dado a emergência

---

<sup>1</sup> Freyre não esconde a “predileção”, ainda que fale das contribuições de outras etnias, pelos negros na construção do povo brasileiro. Essa “predileção” pode ser sentida, sobretudo, nos dois últimos capítulos dedicados à discussão das influências da cultura africana na nossa cultura.

da sociedade brasileira. A propósito desse argumento, Freyre expressa uma forte preocupação com o que Elias define como “processo civilizador”, ou seja, um processo histórico de *longue durée* que implica uma mudança na vida psíquica dos indivíduos, modelando comportamentos, controlando os instintos, incidindo tanto na esfera privada quanto na pública (ELIAS, 1994). Esse interesse é ainda mais manifesto em *Sobrados & Mocambos*, em que se dedica a estudar a “reeuropeização” do Brasil com a chegada da Corte Portuguesa, evento que inaugurou novos padrões de conduta entre os brasileiros, desenvolvendo o autocontrole entre eles.

Nas páginas que seguem, privilegiamos conhecer alguns aspectos dessa imensa obra, gigante em tamanho e importância, sobretudo aqueles que se relacionam com a sexualidade. Na primeira parte, dedicaremos atenção às contribuições de *Casa Grande & Senzala* no tocante à formação da cultura sexual brasileira, essa sexualidade baseada nos excessos. Na segunda parte, procuramos entender o processo que o autor chama de “reeuropeização”, privilegiando conhecer seus reflexos na mudança de postura do brasileiro em relação ao campo da sexualidade. Não pretendendo esgotar aqui esse tema, sabemos que ele é por demais complexo para as ambições deste trabalho. Interessa-nos, contudo, esmiuçar esses achados pioneiros, na tentativa de problematizar a importância dessa obra para as novas gerações de estudiosos das sexualidades.

### **Sexualidade e erotismo na “Casa Grande” e na “Senzala”**

Vimos que alguns dos traços mais marcantes da obra de Gilberto Freyre dizem respeito à heterogeneidade e à complexidade com que constrói sua singular interpretação do Brasil. Um dos aspectos mais importantes para compor essa interpretação é a sua análise da sexualidade. Temas como erotismo, vida íntima, infidelidade, relações de gênero e prostituição aparecem frequentemente e de forma pioneira nessa obra, mostrando-nos peculiaridades do processo de construção de uma sexualidade à brasileira. Poderíamos mesmo afirmar que Freyre empreende uma história social da sexualidade baseando-se no conjunto das relações sociais que conferem contornos à vida íntima no Brasil Colonial.

Tema recorrente entre os estudiosos das Ciências Sociais, a sexualidade em Gilberto Freyre assume uma importância capital, já que se relaciona aos arranjos pelos quais as diferentes etnias se misturaram para a formação de uma nova cultura. Nesses termos, podemos compreender nossa

formação histórico-social como dotada de um forte componente hedonista, de uma atração irresistível entre os corpos, que motivou a miscigenação entre as diferentes culturas responsáveis pela nossa constituição como povo.

Sendo assim, amores, afetos, desejos e ódios são preocupações recorrentes do autor para interpretar nossa existência social. Para Freyre, foi a miscibilidade sexual-racial o elemento mais importante para a colonização brasileira, se comparado à mobilidade dos homens no Brasil do descobrimento. Por meio dessa mistura, nossos ancestrais deram conta do processo de povoamento de tão vastas e longínquas terras, o Brasil, como defende obstinadamente em várias passagens do livro:

Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão do domínio colonial e na eficácia da ação colonizadora (FREYRE, 1950, p. 103).

Esse intercurso de corpos, como afirma o autor, obedeceu aos criteriosos gostos do colonizador branco. De acordo com Freyre, o colonizador desenvolveu logo que aqui desembarcou um gosto pelas mulheres não europeias, cujos atributos estéticos atendiam aos seus mais diferentes instintos. Foi assim que a mulata apareceu nos escritos de Freyre como predileta para aplacar os prazeres do corpo do macho-branco. A construção social da mulata como genuína marca da mulher brasileira, sensual, voluptuosa teve no conjunto dos trabalhos de Freyre o seu maior defensor.

Estudos como os de Giacomini (1994) vão problematizar as concepções acerca da constituição da mulata como signo da identidade nacional. De acordo com essa autora, a mulher mulata aparece em contraposição à mulher negra, sendo essa última um elemento representativo da África, ao passo que a outra surge como um resultado positivo da miscigenação, uma verdadeira “síntese da brasilidade” (GIACOMINI, 1994). Elemento agregador entre diferentes povos, a mulata estreita os contatos entre opostos, favorecendo laços com o “outro”. Esses atributos a isentam de qualquer controle em relação à esfera familiar, visto que supostamente possui uma libido exagerada. Essas características são criticadas por Giacomini (1994), porque teriam estimulado imagens estereotipadas da mulata, ao mesmo tempo que reforçariam a noção de um multiculturalismo harmonioso em detrimento das agruras de nosso passado escravista.

Entretanto, Freyre afirma que o gosto português pelas mulatas somente se expressou em um outro momento da colonização. Quando aqui chegaram, os portugueses se depararam com outro tipo de mulher: a indígena. O contato com essas mulheres fez operar entre os homens brancos todo um conjunto de representações associadas à “mulher dos trópicos”. Para Rago (2006), essas representações foram etnocentricamente construídas quando do contato dos europeus com uma outra sociedade entendida como inferior, as sociedades indígenas. Esse contato teria mobilizado representações em torno da mulher não europeia, entendida como dotada de uma sexualidade fora de controle, portanto, algo animal.

Aliás, para Freyre, as representações acerca da figura da “mulher dos trópicos” encontravam correspondência na predisposição do português pela mistura com diferentes povos, um traço do cosmopolitismo português. Essa singular predisposição pela mistura, sobretudo com os povos de origem africana, teria tornado os portugueses mais “plásticos” em função das sucessivas mestiçagens que ocorreram ao longo dos séculos na Península Ibérica.

Para tal processo preparara-os a íntima convivência, o intercurso social e sexual com raças de cor, invasoras ou vizinhas da Península, uma delas, a de fé maometana, em condições superiores, técnicas e de cultura intelectual e artística, à dos cristãos louros (FREYRE, 1950, p. 221).

De acordo com Freyre, a moral sexual indígena em muito favoreceu ao povoamento empreendido pelo homem branco, uma vez que sancionava a poligamia, duramente combatida pelos jesuítas, cujos padres trataram de repreendê-la arduamente nos anos que sucederam ao período do descobrimento. Para Freyre, as mulheres indígenas foram as primeiras a servirem à empresa colonizadora, ajudando a povoar essa parte do mundo. A suposta voluptuosidade das mulheres indígenas encontrava terreno fértil no tipo de homem europeu que aqui chegou, homens degradados pelos excessos que cometiam, homens sexualmente superexcitados, argumenta Freyre. Nesses termos, esses homens encontravam aqui o ambiente perfeito para exercitar seus exageros, como podemos ver na passagem que segue:

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. [...] As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (FREYRE, 1950, p. 219).

A imagem corriqueira defendida pelos viajantes do período do descobrimento, de que entre os nativos brasileiros predominava a licenciosidade sexual, não encontrava correspondência na moral sexual das populações indígenas que, como avalia Freyre, estava fortemente submetida a um conjunto de interdições que controlavam e prescreviam tabus acerca de sua atividade sexual. Concomitantemente, essas imagens não satisfaziam a realidade das populações negras, cuja sexualidade, de acordo com o autor, não se rendia aos excessos, já que se compunha de uma moral sexual cingida de prescrições rituais que antecediam o enlace sexual. Como sugere o autor:

Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria e a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral, é maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. Enquanto que no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações [...] demonstrando a necessidade entre eles de excitação artificial (FREYRE, 1950, p. 412).

O apetite sexual aguçado foi um componente tão mais presente entre os portugueses (colonizadores, dominadores) do que entre os outros grupos étnicos que compunham a sociedade brasileira. Dessa forma, as representações associadas à pretensa “sexualidade selvagem” do negro e do indígena não encontram paralelo nos traços culturais constitutivos das outras culturas responsáveis pela colonização. A luxúria das terras brasileiras foi antes uma consequência do tipo de organização social escravista que aqui se estabeleceu. Essa organização franqueou o apreço por uma cultura hedonista, baseada na assimetria modelada pelas relações sadomasoquistas.

Para Gilberto Freyre, a mulher indígena desfrutava de uma liberalidade maior que a assistida pelos homens da mesma etnia. Essas mulheres se encontravam supostamente mais liberadas para a sexualidade. Entre os homens indígenas, Freyre surpreendeu uma verdadeira “comunidade de homens” contrastando em grau de importância interna com a das mulheres. As sociedades secretas viabilizavam uma alta aproximação entre homens de diferentes idades. A entrada dos jovens não iniciados nessas sociedades era marcada por dramáticos “ritos de passagem”, responsáveis pela transmutação do iniciando em um homem. Essa homossociabilidade baseava-se na solidariedade e reciprocidade entre eles. Segundo o autor, as relações sexuais

entre iguais biológicos era prática comum entre os homens de diferentes tribos brasileiras<sup>2</sup>. Sobre essa prática, falavam horrorizados os viajantes que aqui estiveram ao longo dos séculos. Para Freyre:

As sociedades secretas de homens, possível expressão, ou antes, afirmação – na fase sexual e social de cultura atravessada por muitas das tribos ameríndias ao verificar-se a descoberta do continente do prestígio do macho contra o da fêmea, do regime patronímico contra o matronímico, talvez fossem melhor estímulo que a vida de guerra à prática da pederastia (FREYRE, 1950, p. 257).

A propósito da homossexualidade e da bissexualidade nas populações ameríndias, Freyre ressalta a considerável importância conferida aos homens efeminados ou “invertidos”, cuja presença nesse tipo de sociedade é uma constante. Esses homens gozavam de grande prestígio nesses grupos, servindo para papéis que se relacionavam com a prática da magia e com a feitiçaria, instituições centrais para a cosmologia indígena. Em trabalho sobre os *Guaiki*, Clastres (1988) revela aspectos dessa cultura que se aproximam das observações de Freyre sobre os indígenas brasileiros do período do descobrimento. No capítulo “O arco e o cesto”, Clastres (1988) chama a atenção para a rígida divisão sexual dessa sociedade, ressaltando a importância dos papéis de gênero como estruturantes, principalmente no plano simbólico, para a vida social. Em sociedades onde esses papéis são tão austeramente determinados, o lugar ocupado pelos homens quando se distanciam dos símbolos imputados ao universo masculino é, geralmente, a magia. Eles são totalmente incorporados à estrutura da sociedade, transformando-se em uma figura feminina. Para Clastres, esses homens dotados de aptidões sobrenaturais são lugar-comum entre esses grupos. Em função da farta ocorrência registrada na documentação encontrada pelo autor, Freyre destaca o quão comum era, entre os viajantes no período do descobrimento, associar os indígenas à pederastia (FREYRE, 1950, p. 258).

Foi também na moral sexual indígena que os homens brancos puderam consumir seus apetites pelo amor entre iguais. Freyre destaca como a prática de sexo entre homens encontrou no período colonial momento propício para desenvolver-se. É importante destacar que Freyre não atribuía à homossexualidade um traço peculiar de nenhuma etnia que contribuiu na

---

<sup>2</sup> A homossexualidade é prática sancionada entre diferentes culturas ao redor do mundo. Em muitas dessas tribos, essa prática se relacionaria com a construção social da masculinidade, sendo recorrente em uma dada faixa de idade como rito de passagem, marcando a entrada do neófito na “sociedade dos homens”, através de um conjunto de práticas que envolvem uma interação, inclusive sexual, com outros homens.

formação do Brasil, o que faz é afirmar que essa prática esteve presente em todas as etnias (brancos, negros e indígenas), reforçando o seu caráter regular em diferentes sociedades.

É conveniente perceber ainda todo o notável interesse de Freyre pela vida sexual do negro brasileiro. Esse interesse é revelado nos capítulos que seguem às discussões acerca das contribuições indígena e branca na formação social brasileira. Nesses capítulos, Freyre parece mesmo fazer derivar do negro todo o erotismo da vida sexual brasileira, ressaltando, sobretudo, elementos comumente associados ao imaginário social acerca de nossas preferências sexuais.

Outro tema inovador tratado por Freyre é o da prostituição. De acordo com o autor, a prostituição das “negrinhas” teria sido uma forma inaugural de comercialização dos corpos no Brasil Colonial. Esse comércio dos desejos era facilitado, em algumas situações, por suas donas brancas, verdadeiras proxenetas, que afixavam suas escravas aos marinheiros nos portos coloniais. O rígido controle em relação à sexualidade das moças brancas contrastava com a lubricidade das mulheres negras, que deveriam sempre estar disponíveis à fornicção (FREYRE, 1950, p. 629). Essa necessidade de evitar as mulheres brancas dos contatos com os homens alimentou-se da prostituição. Ademais, toda a vida pública da mulher branca era negada em função do enclausuramento nas “Casas Grandes”. Essas eram fortemente submetidas aos olhares dos mais velhos, em um esforço premente de preservação da castidade.

A literatura especializada sobre o tema tem revelado que essa lógica ajudou a produzir representações negativas associadas à personagem da negra e da mulata no imaginário social brasileiro. Aliás, essa discussão tem rendido a Freyre as mais equivocadas críticas atribuídas aos supostos traços racista e misógino presentes em sua obra. Percebemos que a prostituição em Freyre assume um tom de algo crítico, que se relaciona com a dinâmica das relações raciais brasileiras, fortemente influenciadas por nossa tradição escravista. O corpo negro como mercadoria, investido de notáveis atributos sexuais, aparece como corolário de uma relação baseada na desigualdade entre brancos e negros. Esse corpo expressa uma forma de consagrar o “outro” como objeto em uma sociedade onde o poder encontra-se em mãos brancas.

*Casa Grande & Senzala* inaugura ainda a discussão acerca das relações sexuais intergeracionais. Freyre destaca a incidência das trocas afetivo-sexuais entre mulheres mais novas, incluindo aqui a faixa etária que hoje classificaríamos como crianças, e homens bem mais velhos. Essas uniões

eram sancionadas pela opinião popular. As diferenças raciais não se apresentavam como dados relevantes para entendermos a dinâmica dessas uniões, afinal mulheres brancas e negras eram igualmente objetos de desejo desses “rapagões”. Nota-se, contudo, uma diferença de *status*, já que as mulheres brancas eram procuradas para casamento, enquanto as negras ficavam relegadas aos prazeres da alcova.

A prematuridade com que as mulheres entravam na vida sexual aparece como dado significativo para avaliar a mortalidade infantil, bem como a farta disseminação de doenças venéreas entre pré-púberes e púberes. O número de meninas brancas que sofreram as consequências de sucessivos abortos em função da pouca idade era extremamente alto, como observa Freyre (1950). Elas também morriam constantemente na hora do parto, em função do corpo ainda mal preparado ou mesmo em função da má alimentação das “Casas Grandes”. Entre os indígenas, a mortalidade infantil era tão alta que, quando percebida pela Companhia de Jesus, seus membros trataram de construir mitos em torno da criança natimorta. Esses mitos reforçavam a ideia de que as crianças eram anjos, que quando mortos voltavam aos braços do senhor, confortando pais e filhos diante da iminência da morte.

A ocorrência de doenças venéreas é outro dado que despertou grande interesse de Gilberto Freyre. De acordo com o autor, a recorrência da sífilis entre os brasileiros afixou a civilização dos trópicos. Os valores positivos associados à miscigenação pelos excessos sexuais entre as etnias tiveram seu contraponto negativo na rápida disseminação dessas “doenças do mundo”. Como afirma Freyre (1950, p. 161):

À vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da sifilização. Começaram juntas, uma a formar o brasileiro – talvez o tipo ideal do homem moderno para os trópicos, europeu com sangue negro ou índio a avivar-lhe a energia, outra a deformá-lo. [...] Sua ação começou ao mesmo tempo que a da miscigenação; vem, segundo parece, das primeiras uniões de europeus, desgarrados à-toa pelas nossas praias, com as índias que iam elas próprias oferecer-se ao amplexo sexual dos brancos. [...] Costuma dizer-se que a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado.

A importante contribuição de Freyre para a história da sífilis no Brasil, assim como de seu entendimento, está na desvinculação dessa doença com a miscigenação ocorrida no país. Gilberto Freyre opera uma mudança

significativa na forma de pensar a doença, tirando-a do campo da degeneração racial que a associava aos efeitos da miscigenação, para a esfera da patologia social (TEIXEIRA, 1997).

A correspondência entre vida íntima e vida pública é outro marco importante da obra de Gilberto Freyre. A respeito desse assunto, Rago (2006) escreve que Freyre identifica a sexualidade com um poderoso modelador das relações sociais, postulando-a como fator fundante para uma possível interpretação do Brasil. As relações travadas na esfera pública brasileira refletem a vocação do brasileiro em apreciar relações marcadas pelo sadomasoquismo, característica tomada de empréstimo da vida privada (RAGO, 2006). As analogias entre vida sexual, portanto íntima, e vida pública são estruturantes para a construção desse modelo de se relacionar como o “outro” em nossa sociedade. Em Freyre (1950, p. 167):

Esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual e doméstica, tem-se feito sentir, através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos; certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como do chamado “marechal de ferro”.

Daí a facilidade em se encontrar relações fundadas em um forte antagonismo entre seus elementos. O sadismo brasileiro se expressaria, em larga medida, “no gosto em dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de cana, de mandar brigar, na sua presença, capoeiras, galos e canários” (FREYRE, 1950, p. 166). Vítima predileta do sadismo do menino branco, os negros tiveram seus corpos constantemente submetidos à ferocidade desses pequenos (mais tarde homens feitos), mesmo sexualmente. Era com esse escravo que os primeiros contatos sexuais ocorriam, ainda que sem o consentimento do negro, feito de passivo na relação sexual. A submissão sexual do homem negro pelo branco é um dado significativo para compreendermos a relação de poder e dominação travada entre essas duas etnias. Nessa relação, o lugar assumido no coito é um ponto de fundamental importância para entender a dinâmica que engendra os papéis sexuais, bem como a distribuição do poder e do prestígio na nossa sociedade.

O lugar do homem como elemento penetrador oferece o modelo de macho a ser produzido pela lógica dos gêneros à brasileira. Em suas pesquisas sobre a homossexualidade no Brasil, o antropólogo Peter Fry (1982) observou que a

sociedade brasileira encontra-se dividida por uma rígida hierarquia de gêneros. Para o autor, a posição ocupada na relação sexual (ativo/passivo) expressaria a posição dos indivíduos dentro da estrutura social. Assim, os papéis de gênero estariam submetidos à oposição masculinidade/atividade e feminilidade/passividade, não oferecendo possibilidades para manifestações não ortodoxas de outras identidades sexuais senão aquelas forjadas pela matriz heterossexual (FRY, 1982). Nesses termos, ao penetrar sexualmente o homem negro, o homem branco estaria subtraindo-o de sua masculinidade, colocando-o em um lugar de menor prestígio, menor ainda do que aquele ocupado pela mulher.

Contudo, os negros não foram as únicas vítimas desse desequilíbrio de forças concernentes às relações à brasileira, as mulheres sofreram, talvez na mesma intensidade que seus opositos negros, desse traço peculiar atribuído ao nosso processo civilizador. Sua existência foi sumamente silenciada à sombra do pai e do marido, a quem deveria respeitar e servir. Porém, foi na dinâmica das relações sexuais que esse gosto pelo sadismo se manifestou em sua forma mais acabada, sobretudo no tocante à iniciação sexual do homem branco. A esse fim, serviram tanto as mulheres negras quanto os “moleques de pancadas”, como visto anteriormente, como também animais e frutas. Em Freyre, essa problemática articula-se diretamente com o tipo de organização social e econômica que se instaurou aqui nos idos tempos da colonização. Dessa forma, podemos perceber que foi pelos excessos sexuais, ou mesmo pelo uso do corpo passivo, que se pôde exercitar o poder em relação ao “outro”, subjugado.

Nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa – colonização, a princípio, de homens quase sem mulher – e no sistema escravocrata de organização agrária do Brasil; na divisão da sociedade em senhores todo-poderosos e em escravos passivos é que se devem procurar as causas principais do abuso de negros por brancos, através de formas sadistas de amor que tanto se acentuavam entre nós; e em geral atribuídas à luxúria africana (FREYRE, 1950, p. 448).

Esse sadismo não era um atributo exclusivo dos homens brancos. Às mulheres brancas, ao contrário das mulheres indígenas e negras, era reservado um lugar mais destacado no conjunto da sociedade patriarcal. Ainda que tenham sido silenciadas pelos maridos, elas encontraram outras formas pelas quais puderam exercitar seu poder. O sadismo da sinhá branca em quase nada se diferenciava do senhor em termos de crueldade. Eram muitas as atrocidades

praticadas por essas senhoras, geralmente motivadas pelos ciúmes de seus maridos. Para Freyre, essas moças enclausuradas nas “Casas Grandes” e depois nos “Sobrados”, tendo como companhia um séquito de escravas passivas, puderam construir um mundo à parte (privado), cujo poder de punir era uma forma de extravasar sua total subserviência ao modelo patriarcal de organização familiar. A submissão da mulher encontrava explicação na proeminência do sexo “nobre” (o homem), um dos eixos principais do patriarcalismo, que Freyre qualifica de *monossexual*, em função da centralidade no homem.

Outros exemplos da predominância desse modelo são encontrados quando da relação do menino com seus mestres nos colégios coloniais. Como afirma Freyre (1950, p. 584), “houve verdadeira volúpia em humilhar a criança: em dar bolo em menino. Reflexo da tendência geral para o sadismo criado no Brasil pela escravidão e pelo abuso do negro”. Os colégios foram ainda observados como espaços de forte repressão em função dos possíveis males que poderiam contextualizar. Os “excessos sexuais” praticados pelos meninos levaram ao recrudescimento das preocupações com esses espaços.

Não somente os medos de uma possível contaminação por diferentes doenças em função das péssimas condições de higiene estavam em jogo, práticas como a pederastia e o onanismo eram perseguidas pelos higienistas coloniais como perniciosas à regularidade social. Essas preocupações possuíam uma dimensão antes moral que epidemiológica, já que doenças como a sífilis apareceram como fortes signos de masculinidade entre os homens daquela época, tal como um ritual de passagem à vida sexual.

Freyre revela como essas doenças, sobretudo a sífilis (doença que deixa marcas no corpo), apareciam, aos olhos da sociedade brasileira, como capital simbólico que distinguia os machos dos não machos. Daí a facilidade em se encontrarem nas ruas do Brasil Colonial homens que exibiam as sequelas da doença e que faziam isso com profundo orgulho. O problema, tal como colocado pelos higienistas, era com as formas não ortodoxas de transmissão da doença, que ocorriam em função das relações sexuais entre esses meninos enclausurados nos colégios. Se antes a prática homossexual era pouco vigiada, talvez em função da escassez de mulheres na colônia, a Igreja Católica já começara a operar um verdadeiro controle sobre essa prática, principalmente por meio da institucionalização dos colégios jesuítas.

A lassidão sexual das terras além-mar não isentava nem mesmo os clérigos que aqui se colocaram à disposição da empresa civilizadora. A ideia corrente defendida por Gasper Von Barleus (1660) de que “não existe pecado

ao sul do Equador” era perseguida com impiedosa obstinação pelos padres e outros membros do clero que aqui se fixaram. A união desses homens da religião com suas amancebadas (negras) acabou por criar em nossas terras uma verdadeira instituição, cujos filhos foram seus principais representantes. Esses moços puderam ter acesso a uma educação que muito se assemelhava a dos senhores brancos, fazendo-nos supor que essas uniões apresentavam grandes oportunidades de mobilidade social em uma sociedade fortemente hierarquizada.

Nem mesmo o plano religioso estava isento do erotismo brasileiro nos tempos da colônia. Freyre destaca como a comunicação com o sagrado expressava-se por meio de uma forte dimensão sensual. A devoção dedicada aos inúmeros santos, vindos da herança portuguesa, estava profundamente marcada por esse erotismo, fortemente amparado pela materialidade das imagens sagradas. As mulheres eram as principais devotas desses santos, muitas das vezes os procuravam para solicitar-lhes casamentos. Santos como São João e São Gonçalo do Amarante eram os preferidos e mais indicados para esse fim. Aos olhos de alguns viajantes, as festas religiosas no Brasil mais pareciam rituais apaixonados e grosseiros nos quais mulheres em estado de transe cantavam e punham seu corpo em contato direto com a imagem do santo de devoção.

A intimidade com o santo de devoção era outra característica marcante entre esses santos e seus devotos, traço cultural já presente entre nossos mais antigos ascendentes em Portugal. Essa intimidade se expressava nos contatos carnais com a imagem sagrada. O corpo ocupava um espaço importante nas interações entre os fiéis e a figura santificada no culto religioso. Quantas mulheres esfregaram acaloradamente suas coxas nas imagens de São Gonçalo do Amarante na esperança de terem suas súplicas alcançadas, casamento e filhos, diz Freyre. Outras tinham em São João seu santo de intimidade, a quem se entregavam em confidências amorosas. Como avalia Freyre, foi assim que “os grandes santos nacionais tornaram-se aqueles a quem a imaginação do povo achou de atribuir milagrosa intervenção em aproximar os sexos, em fecundar as mulheres, em proteger a maternidade” (FREYRE, 1950, p. 441).

Outra instituição abundantemente utilizada por esse mercado amoroso foi a magia. A prática da magia relacionou-se diretamente com a religião no trato das coisas sexuais no Brasil Colonial. Era comum lançar mão da magia para tratar de pedidos associados à fecundidade, à gravidez, bem como ao mercado amoroso. Santos eram requisitados, mas também não se dispensava a bruxaria (magia simpática) como um componente eficaz para se

obterem favores das forças sobrenaturais. A exemplo das nossas antepassadas, ainda recorreremos a esses recursos quando diante do amor. São vários os episódios de magia sexual, destacando-se entre eles os “trabalhos para trazer a pessoa amada” para a convivência do suplicante apaixonado, em nossa sociedade.

Assim como na religião e na magia, a sexualidade se colocou constantemente à mesa do brasileiro. O autor destaca a associação entre diferentes tipos de comida, sobretudo doces, e a prática sexual. Esse simbolismo sexual, como sugere Freyre, foi observado nos inúmeros pratos com nomes fazendo referência explícita à atividade sexual. Para Freyre, as freiras foram as principais protagonistas desses “doces erógenos”. Saíam dos conventos “babas de moça”, “beijinhos”, “desmamados”, “casadinhos”, para citarmos apenas alguns daqueles doces que enfeitam as mesas brasileiras. Daí as analogias, tão comuns na sociedade brasileira, nas formas de se denominar o sexo, tais como “comer”, correspondendo a transar, que cruzam semanticamente esses dois campos em uma mesma categoria verbal.

Enfim, Freyre mostra como diferentes instituições incorporaram esse elemento sexualizante que esteve constantemente presente no nosso processo de formação. A empresa colonizadora não se estruturou como um projeto de europeização dos costumes (SOUZA, 2008), mas sim por meio dos excessos e desequilíbrios entre diferentes etnias. Ainda que estivessem investidos pelos encargos previstos pela tarefa colonizadora europeia, os portugueses não se furtaram da “vida desregrada” e impregnada de luxúria. Teriam essas características moldado nossos costumes profundamente estruturados em um desequilíbrio de conduta entre os gêneros e as formas com as quais exercem a sexualidade. Era um desequilíbrio desvantajoso para as mulheres, quando comparadas aos homens, cujos excessos eram historicamente permitidos.

### **Novos padrões de sociabilidade: os “Sobrados” e os “Mocambos”**

Publicada em 1936, *Sobrados & Mocambos* trata do processo de constituição da vida urbana brasileira, a partir da decadência da aristocracia monocultora no século XIX. Diferentemente de *Casa Grande & Senzala*, que se dedica a analisar a formação do Brasil no período colonial, essa obra vai estudar a transição de um modelo marcado pela égide da aristocracia rural para outro baseado no desenvolvimento urbano, destacando as mudanças ocorridas na vida social dos brasileiros nesse ínterim.

O livro se inicia com a chegada de Dom João VI, de sua mãe, Dona Maria, e de sua corte e tesouros em 1808, quando deixam a Europa sob as ameaças de Napoleão e passam a morar no Brasil. Segundo Freyre (1961, p. 15), esse êxodo da Corte Portuguesa marca a decadência dos tempos áureos vividos pelo patriarcado rural, bem como do “amor que o rei nutria pelos senhores rurais”. A vinda da Família Real modificou profundamente a forma pela qual a sociedade brasileira se organizava. O Brasil passa a incorporar elementos característicos de uma sociedade urbana e moderna. As atitudes de Dom João VI para a nova sede do reino passam a incrementar a vida social brasileira, tornando-a mais cosmopolita e atraente para entrada de outros povos, dentre os quais estão alemães, franceses, italianos etc.

A herança colonizadora portuguesa marcada pela miscibilidade sexual entre diferentes etnias deixou, segundo Freyre, uma estrutura societária híbrida em terras brasileiras. Essa estrutura teria laçado o Brasil em

Condições de vida tão exóticas – do ponto de vista europeu – que o século XIX, renovando o contato do Brasil com a Europa – que agora já era outra: industrial, comercial, mecânica, a burguesia triunfante – teve para o nosso país o caráter de uma reeuropeização (FREYRE, 1961, p. 309).

O que Gilberto Freyre chama de “reeuropeização” implicava extinguir toda marca do feudalismo e dos traços não europeus deixados pelo tipo de colonização empreendida pelos portugueses do descobrimento. Esse processo envolvia a disciplina dos corpos, domesticados conforme as novas tendências valorizadas por esses “outros europeus”. O europeu do norte emergiria como modelo de civilidade, contrapondo-se ao europeu ibérico, que teria sido responsável pela colonização nos séculos anteriores. Os modos de vestir, os comportamentos, a educação agora seguiam os modelos adotados por países como a França e a Inglaterra.

O apertuguesamento cederia lugar ao afrancesamento e ao inglesamento dos modos como os brasileiros se relacionavam entre si. Esse tipo de iniciativa incidiu diretamente nas formas como os brasileiros se vestiam, nos hábitos à mesa, bem como na educação científica. A frouxidão sexual das “Casas Grandes”, baseada na relação do senhor aristocrata e seus escravos da “Senzala”, seria substituída pelos modos refinados e comedidos dos “Sobrados” burgueses e seus opostos, os “Mocambos”, povoados por mestiços que procuravam imitar os modos aburguesados para obterem prestígio junto à sociedade.

A “reeuropeização” dos costumes, como sugere Freyre, alterou ainda as relações familiares, destituindo dos brasileiros a promiscuidade sexual, a falta de etiqueta, a ausência de preocupação com a higiene pessoal, bem como com o personalismo, características que orientavam a vida social na colônia portuguesa. Aos homens dos “Sobrados”, não era mais permitida a poligamia como o era no período colonial. A monogamia passou a ser vista como um valor a ser perseguido, uma forma de controle em relação à sexualidade. A exibição dos corpos, observada com certa naturalidade nas “Casas Grandes” de outrora, especialmente os corpos das escravas, que deixavam ser vistas com roupas leves que mostravam pernas e ombros com facilidade, passou a ser entendida como ameaça à vida familiar, portanto associada à indecência e à falta de compostura.

Esse rígido empenho em controlar as relações sociais via introdução de normas de refinamento dos costumes reconfigurou as relações domésticas, introduzindo interdições e regras em prol de uma rígida moral burguesa. Essa moral se expressou, principalmente, na valorização do individualismo, do abrandamento dos excessos e de uma percepção diferenciada dos movimentos do corpo (SOUZA, 2008). A intimidade passou a ser um atributo a ser observado de forma mais intensa, já que esse aspecto da vida tornou-se um sinônimo de civilidade.

Ainda que essas mudanças tenham imprimido no Brasil ares de uma modernidade compartilhada pelos modernos centros europeus, elas não foram capazes de desconstruir a estrutura social pela qual o Estado brasileiro havia se moldado. Em sua análise da obra de Gilberto Freyre, Bastos (2006) identifica uma continuidade no que se relaciona ao século XIX e ao período colonial. Segundo a autora, as figuras responsáveis pela construção do Estado brasileiro ainda são aquelas advindas do sistema patriarcal. O processo de fortalecimento do Estado, bem como dos interesses públicos, não foi intensamente vivido a ponto de remodelar a relação público/privado. Diante disso, a autora afirma existir uma continuidade entre família e Estado, ou seja, uma política fortemente pautada pelo personalismo. Nesses termos, a política de “ocidentalização” levada a cabo a partir do século XIX parece não ter sido bem-sucedida, visto que o Brasil teria mantido uma existência simultânea de elementos considerados “modernos”, com os resquícios de uma sociedade fortemente marcada pelos excessos.

## Considerações finais

Este trabalho analisou algumas das contribuições da obra de Gilberto Freyre para o campo das sexualidades. Vimos que raça e sexualidade foram componentes que se cruzaram para constituição histórico-social do povo brasileiro. O tema da sexualidade ocupa no conjunto da obra freyriana um espaço privilegiado na análise que empreende sobre a sociedade brasileira. Percebemos que foi das relações sexuais, da dinâmica erótica, que os brasileiros retiraram os modelos de comportamentos vivenciados nas relações sociais mais amplas.

Contudo, são poucos os indícios deixados pelo autor a respeito de uma sexualidade liberada, como sugere o senso comum, principalmente no homem negro. Em detrimento da mulher negra, que recebe uma importância capital para a empresa civilizadora e mesmo para a construção da identidade nacional, o homem negro é invisibilizado e a sua sexualidade relegada, quando muito, à violência sexual infligida pelo senhor branco. Da mesma forma, foi retratado o homem indígena, improdutivo, seco, infecundo, quando comparado à vivacidade do seu oposto sexual, a mulher indígena, a qual, segundo Freyre, foi a verdadeira promotora da colonização. Sua importância como capital humano extravasou os atributos físicos responsáveis pela sedução do homem branco, sendo uma das principais responsáveis pela transmissão de bens culturais de valores inestimáveis para a formação do povo brasileiro.

Outra preocupação profundamente presente no autor é de ordem epidemiológica. A disseminação de doenças relacionadas ao desregramento sexual no período colonial foi fartamente documentada pelo autor. Uma dessas doenças, a sífilis, foi a que mereceu um dispendioso esforço analítico, posto que se relacionava abertamente com o processo civilizador brasileiro. Dessa forma, o autor tratou de desconstruir a tese vigente de que essa doença seria uma causa imediata da miscibilidade das raças, deslocando a discussão para uma perspectiva antirracista.

A frouxidão dos costumes foi, certamente, a marca mais bem-acabada da colonização nessa parte do mundo. O excesso sexual foi um componente essencial que, conforme Freyre, teria possibilitado a empresa colonizadora. Entretanto, esse mundo dos excessos teria trazido ao Brasil traços por demais exóticos aos olhares dos europeus do norte. Muito longe de ter se constituído como uma sociedade civilizada, pautada no controle em relação aos diferentes aspectos de sua vida, o Brasil colonial antes se aproximava ao grotesco, à festa, ao rústico – características execradas pelos europeus não ibéricos. Diante

dessa realidade, chega ao Brasil a Corte Portuguesa, que modificou profundamente as formas de sociabilidade pelas quais os brasileiros organizavam sua vida.

As transformações atribuídas à sociedade brasileira a partir da chegada da Corte Portuguesa, bem como pela entrada de povos europeus não ibéricos, modificaram profundamente as formas de sociabilidade entre os brasileiros do período. O rígido controle sobre a vida social, principalmente em relação aos instintos sexuais, como forma de acompanhar os rebuscados costumes advindos de França e Inglaterra levou os brasileiros a uma verdadeira preocupação com as aparências. Essas preocupações remodelaram por completo as relações, incluindo as domésticas, que passaram a valorizar o comedimento em detrimento do excesso, sobretudo sexual.

Esperamos que este trabalho tenha cumprido a tarefa que se propôs no início, qual seja: conhecer um pouco mais das contribuições de Gilberto Freyre para o estudo das sexualidades brasileiras. Acreditamos também que essa incursão na sexualidade freyriana tenha possibilitado desconstruir alguns equívocos atribuídos ao conjunto de sua obra, especialmente aqueles que qualificam esse autor como racista e misógino.

## Referências

- BASTOS, Elide Rugai. *As criaturas de Prometeu*: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. São Paulo: Global, 2006.
- BOCAYUVA, Helena. *Erotismo à brasileira*: o excesso sexual na obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. São Paulo: Francisco Alves, 1988.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*: formação da família brasileira sob o regime de economia rural. Rio de Janeiro: Jorge Olympio, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados & Mocambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: Jorge Olympio, 1961.
- FRY, Peter. *Para inglês ver*: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GIACOMINI, Sonia. Beleza mulata e beleza negra. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. especial, p. 217-227, 1994.
- RAGO, Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. In. LOYOLA, Maria Andreia. *A sexualidade nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 175-200.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião. Dos excessos tropicais à modelação dos costumes: um debate sobre a ideia de processo civilizador na obra de Gilberto Freyre. *História em reflexão*, Grande Dourados, v. 2, n. 4, jul./dez., p. 1-16, 2008.
- TEIXEIRA, Luiz Antonio. Da raça à doença em Casa Grande & Senzala. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 231-243, jul./out. 1997.
- VELHO, Gilberto. Gilberto Freyre: trajetória e singularidade. *Sociologia, problemas e práticas*, São Paulo, n. 58, p. 11-21, 2008.

